

OUR FOUNDING FATHERS

Desenhos

Pedro Calhau

Esta serie nasceu de onde sempre nascem as ideias. De outras ideias. Da impossibilidade de no “humano” haver uma plenitude. De tudo, ser uma parte do que conseguimos aproveitar. Como fazer um busto de forma “automática”. A maneira encontrada foi usar um vaso de plastico para fazer de contentor, onde de seguida era retirado o excedente de barro, que ai tinha sido colocado, de modo a construir uma forma pelo seu “negativo”. Desse processo, surgiram oito objectos/cabeças de gesso, que para serem desincrustados do vaso e do barro foram mergulhados em água. Esta experiencia surgiu algures em 2015 e desde ai, estes objectos fazem parte da paisagem do meu atelier.

OUR FOUNDING FATHERS é o nome da próxima serie de desenhos que parte entre outras coisas destes objectos, da paisagem do atelier. O termo em si, traz consigo o eco de muitas geografias. Sendo a mais peremptória a referência a sete bravos homens e à fundação de um pais. No entanto, aquilo que me atraiu para aqui, foi mais do que isso. Foi esta coisa humana de procurarmos “o humano” na matéria. O facto de na inocuidade de um objecto de gesso, tentarmos achar uma semelhança, alguma coisa, que se aproxime de nós, da nossa cara, da nossa persona. Como se o mundo para ser inteligível tivesse de ser feito à nossa imagem e semelhança. Como se uma graça jansenista, fosse o nous privilegiado do nosso destino. Como se daquela agua e daquele barro, de onde saíram estas peças, pudesse nascer alguém.

Desde a primeira hora o desenho assumiu o papel do “resultado” que me interessava retirar desta circunstância. Interessava-me um relato “ como o do rinoceronte de Durer” e não o real e o encontro da primeira pessoa. Para o efeito, tirei a todas as “cabeças” uma serie de

fotografias sequenciais de modo a poder ter o máximo de vistas para o trabalho que tinha no horizonte. No decorrer da minha pratica, as ultimas series de desenhos partilharam sempre uma certa simplicidade que me interessava manter, apesar de pensar também, que o fundo destes desenhos deveria ser mais do que plano. Interessei-me pelo marmoreado das contra capas dos livros antigos e pelo ambiente que poderia trazer aos desenhos.

Ao longo do ano de 2017 fui investigando e lendo sobre o assunto até conseguir reproduzir um resultado que ia de acordo com aquilo que poderia servir o meu propósito.

Do ponto de vista do enquadramento mais teórico do meu trabalho, no que diz respeito, ao uso do diagrama de Venn , como utensílio para “o fazer “ na minha pratica; este novo desafio, também coloca novos problemas. Foi em 2014 que comecei a trabalhar, utilizando este método , que actua dentro de um ambiente controlado, caracterizado por certas particularidades, que aplicadas a esse universo especifico lhe vão dando uma razão de ser e um sentido. A diferença desta vez, dá-se, quando eu não escolho “coisas do mundo” (carros, pássaros, montanhas, imagens da internet etc.), mas sim, de objectos que são um produto do atelier (GRUPO A), e do outro lado, (GRUPO B) uma expressão que aliada a este contexto dá por si a produzir sentidos bastante diversos do seu uso mais comum.

Olhando para o esquema (figura 1) para alem do que foi referido acima e que aqui também fica indicado, podemos ver, como outras referencias (neste caso estritamente visuais) se juntaram ao projecto, compreendendo e fechando um campo de investigação onde a experimentação e os resultados vão acontecer.

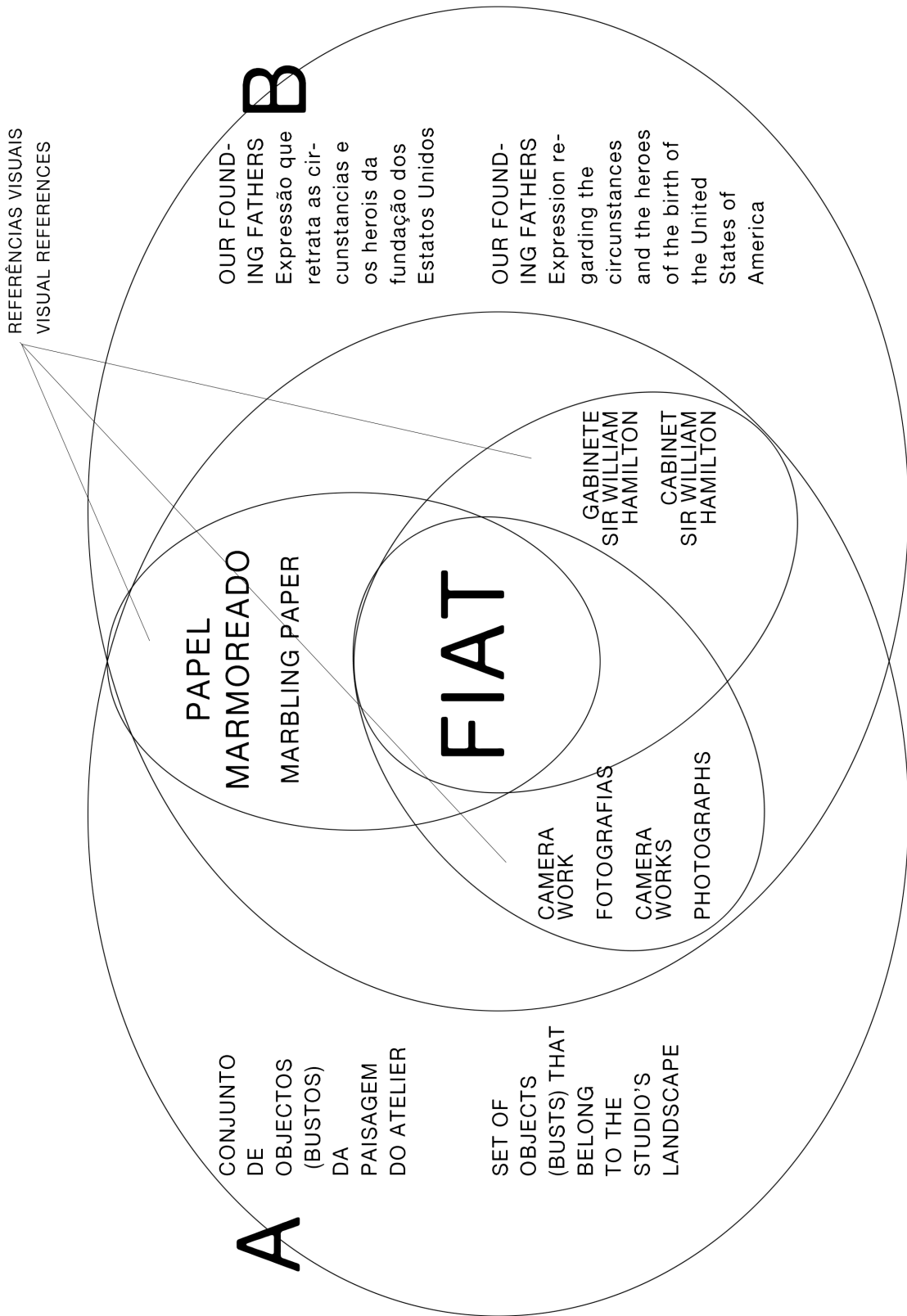


FIGURA 1